

ERLING KAGGE

S I L Ê N C I O

*Na era do ruído*

*Tradução do norueguês*  
Guilherme da Silva Braga



Copyright © 2016 by Erling Kagge

Todos os direitos reservados. Esta edição em português foi publicada mediante acordo com a Stilton Literary Agency e a Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução LTDA.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original* Stillhet i støyens tid: Gleden ved å stenge verden ute

*Capa e imagem de guarda* Claudia Espinola de Carvalho

*Imagem de capa* Granger/ Bridgeman Images/ Fotoarena

*Preparação* Mariana Delfini

*Revisão* Renata Lopes Del Nero e Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kagge, Erling

Silêncio : na era do ruído / Erling Kagge ; tradução do norueguês Guilherme da Silva Braga. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2017.

*Título original* : Stillhet i støyens tid: Gleden ved å stenge verden ute.

ISBN: 978-85-470-0049-3

1. Antártida – Descobertas e explorações 2. Exploradores – Antártida  
3. Relatos 4. Silêncio 5. Solidão I. Título.

17-07579

CDD-919.8904092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Silêncio : Antártida : Expedições : Relatos 919.8904092

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editoraobjetiva](https://facebook.com/editoraobjetiva)

[instagram.com/editora\\_objetiva](https://instagram.com/editora_objetiva)

[twitter.com/edobjetiva](https://twitter.com/edobjetiva)



Quando não posso caminhar, escalar ou navegar pelo mundo, aprendi a trancá-lo do lado de fora.

Foi um longo aprendizado. Somente quando percebi que tenho uma grande necessidade de silêncio eu pude começar a buscá-lo — e lá, enterrado sob a cacofonia de barulhos do trânsito e pensamentos, música e ruído de máquinas, iPhones e removedores de neve, ele estava à minha espera. O silêncio.

Há pouco tempo tentei convencer minhas três filhas de que os segredos do mundo se escondem no silêncio. Estávamos sentados na mesa da cozinha, fazendo uma refeição juntos em um domingo. É o momento da semana em que todos se sentam à mesa para conversar, um olhando para o outro. Nos outros dias a programação é intensa demais. As meninas me encararam com os olhos cheios de ceticismo. Mas o silêncio não é nada! Antes que eu pudesse explicar que o silêncio pode ser um amigo e que também é um luxo mais valioso do que as bolsas da Marc Jacobs com as quais elas sonham, a conclusão foi apresentada: as pessoas recorrem ao silêncio quando

se sentem tristes. A não ser neste caso, o silêncio não vale nada.

Enquanto estávamos à mesa, me lembrei de uma curiosidade que minhas filhas tinham quando ainda eram crianças. A maneira como demonstravam curiosidade em relação ao que poderia haver por trás de uma porta fechada. O olhar quando encontravam um interruptor e me perguntavam se eu podia “abrir a luz”.

Perguntas e respostas, perguntas e respostas. A curiosidade é o motor da vida. Mas as minhas filhas têm treze, dezesseis e dezenove anos e sentem cada vez menos curiosidade. Quando acontece, simplesmente pegam o smartphone e procuram a resposta. Elas ainda são curiosas, mas hoje a expressão nos rostos é menos infantil, mais adulta, e as cabeças estão mais cheias de ambições do que de perguntas. Ninguém levou adiante a conversa sobre o silêncio, então resolvi contar uma história justamente para despertá-lo:

Dois amigos meus tinham resolvido escalar o monte Everest. Num dia de manhã os dois saíram

do acampamento-base para subir o lado sudoeste. Tudo deu certo. Os dois chegaram ao topo, mas nessa hora veio uma tempestade. Logo perceberam que não conseguiriam retornar vivos. Um deles ligou para a esposa grávida com o telefone via satélite. Juntos, os dois escolheram o nome da criança que ela trazia no ventre. Em seguida ele adormeceu em silêncio, praticamente no topo. O outro não contactou ninguém antes de morrer. Não se sabe ao certo o que aconteceu naquela tarde. Graças ao clima seco e frio a mais de 8 mil metros de altitude, os dois sofreram um processo de liofilização. Continuam em silêncio, mais ou menos da maneira como estavam na última vez em que os vi vinte e dois anos atrás.

A mesa ficou imediatamente em silêncio. Um dos celulares apitou ao receber uma mensagem, mas ninguém cogitou abri-la naquele momento. Preenchemos o silêncio com a nossa presença.

Pouco tempo depois fui convidado para dar uma palestra na universidade de St. Andrews, na Escócia.

O tema era livre. Em geral eu costumava falar sobre viagens radicais aos confins do mundo, mas naquele dia os meus pensamentos estavam focados na minha casa, naquela refeição com a minha família. E assim escolhi o silêncio. Me preparei bem, mas, como de costume, eu estava um pouco nervoso. Será que o lugar de apresentar pensamentos avulsos sobre o silêncio não era justamente a mesa de domingo, e não um auditório cheio de estudantes? Não que eu esperasse receber vaias nos dezoito minutos que teria para falar, mas eu queria que os alunos compreendessem meu interesse genuíno pelo tema.

Comecei a palestra pedindo um minuto de silêncio. Fez-se um silêncio sepulcral. Nos dezessete minutos seguintes, eu falei sobre o *silêncio ao nosso redor*, mas discuti também algo ainda mais importante: o *silêncio que trazemos dentro de nós*. Os alunos continuaram em silêncio. Ouvindo. Foi como se houvessem sentido falta do silêncio.

No mesmo fim de tarde eu fui a um pub com alguns alunos. As lembranças mais fortes que eu tinha da minha época como estudante na Grã-Bretanha eram da porta com vento encanado e de pessoas com um caneco de cerveja na mão.

Pessoas agradáveis e curiosas, uma atmosfera bacana, conversas interessantes. *O que é o silêncio? Onde está? Por que hoje o silêncio é mais importante do que em qualquer outra época?* Essas eram três perguntas para as quais eu desejava encontrar respostas.

Gostei muito daquela tarde, não apenas por causa da companhia agradável, mas também porque foi graças aos alunos que compreendi o quão pouco eu sabia. Mesmo ao retornar para casa, não consegui tirar essas perguntas da cabeça. Virou uma paixão. Comecei a escrever, pensar e ler, acima de tudo por interesse pessoal. Todas as noites eu passava um tempo sentado, pensando a respeito dessas três perguntas.

No fim eu tinha 33 tentativas de resposta.





## I

Para os aventureiros, o *deslumbramento* é muito importante. É uma das alegrias mais puras que consigo imaginar. Eu gosto desse sentimento. Com frequência sinto deslumbramento, em praticamente qualquer situação: quando viajo, quando falo com outras pessoas, quando me sento para escrever e quando sinto meu coração bater ou vejo o sol nascer. A meu ver, o deslumbramento é uma das maiores forças inatas do ser humano. E também uma das capacidades mais bonitas que existem. Mas eu não sinto deslumbramento apenas como aventureiro. Com a mesma frequência eu sinto o deslumbramento de um pai ou de um editor. Eu aproveito o momento. De preferência, sem ser incomodado.

Pesquisadores podem descobrir verdades. Eu teria feito o mesmo com gosto, mas não era esse o meu caminho. Ao longo da minha vida mudei de opinião em praticamente todos os assuntos. Acima de tudo, gosto de sentir deslumbramento pelo simples deslumbramento. Para mim, esse é um fim em si mesmo. Uma pequena viagem de descoberta. Mesmo

que muitas vezes também seja uma semente que leva a mais conhecimento.

Outras vezes o deslumbramento é involuntário, eu não o escolho, porém me sinto deslumbrado porque não há como evitar. Um evento passado e desagradável retorna. Um pensamento ou algo que vivi. Aquilo começa a me corroer por dentro e não consigo fugir das minhas reflexões.

Certa tarde, minha prima apareceu para jantar conosco e me deu de presente uma coletânea de poemas de Jon Fosse. Depois que ela foi embora, fui para a cama com o livro e comecei a folheá-lo. Momentos antes de apagar a luz, topei com estas palavras: “Existe um amor de que ninguém se lembra”. O que ele podia querer dizer com isso? Um amor invisível, que permanece adormecido? Será que na verdade estava escrevendo sobre o silêncio? Larguei o livro e fiquei deitado pensando naquilo. Bons poetas me fazem pensar nos grandes exploradores. Ao escolher as palavras certas, põem os pensamentos em movimento na minha cabeça, mais ou menos como as histórias dos exploradores que

eu lia quando pequeno. Antes de dormir, resolvi que escreveria para Fosse no dia seguinte para esclarecer melhor o assunto.

“De certa maneira é o silêncio que deve falar”, respondeu Fosse, seis minutos depois de eu lhe enviar o e-mail. Era quase como se estivesse à espera da minha mensagem, o que no entanto dificilmente seria o caso, em vista do longo tempo desde o nosso último contato.

Falar é justamente o que o silêncio deve fazer. O silêncio deve falar, e você deve falar com ele para aproveitar do potencial que ali existe. “Talvez porque o silêncio traga consigo o deslumbramento, mas também porque traz uma certa majestade em si, como um mar ou uma infinita planície nevada. E quem não se deslumbra com essa majestade tem medo. Na verdade, é por isso que muitos têm medo do silêncio (e é por isso que temos música como pano de fundo em tudo, por toda parte).”

Reconheço o medo descrito por Fosse. Um medo vago de não sei bem o quê. Um medo que faz com que eu me ausente da minha própria vida. Em vez disso, eu simplesmente faço outra coisa, evito o silêncio e vivo imerso nas minhas atividades. Mando

mensagens no celular, ouço música, escuto o rádio ou deixo meus pensamentos correrem soltos, em vez de aguentar um pouco mais e talvez trancar o mundo do lado de fora por um instante.

Acredito que esse medo a que Fosse se refere sem nomear é um medo de conhecer melhor a si mesmo. Quando tento evitar essa situação, há um sopro de covardia no ar.

A Antártida é o lugar mais silencioso em que já estive. Fui sozinho ao polo Sul, e naquele panorama infinito e monótono não havia nenhum som criado pelo homem, a não ser aqueles que eu próprio fazia. Sozinho em meio ao gelo, nas profundezas daquele enorme nada branco, eu podia tanto ouvir como sentir o silêncio.

Tudo parece branco e plano, quilômetro após quilômetro, por todo o trajeto até o horizonte enquanto você avança em direção ao sul pelo continente mais frio do mundo. Sob os pés você tem trinta milhões de quilômetros cúbicos de gelo, que empurram a superfície da Terra para baixo.

Mesmo assim, depois de um tempo sozinho comecei a perceber que nem tudo era plano. O gelo e a neve compunham pequenas formações abstratas. A brancura monótona se transformou em incontáveis nuances de branco. Um punhado de azul surgia em meio à neve, um pouco de vermelho, cinza e até mesmo rosa. Eu sentia que a natureza estava se transformando ao longo do caminho, mas

eu estava errado. O ambiente era sempre o mesmo — era eu quem estava se transformando. “Em casa eu aproveito apenas os ‘grandes momentos’. Aqui, aprendi a apreciar pequenas alegrias. As nuances das cores na neve. O vento que amaina. As formações das nuvens. O silêncio”, escrevi no meu diário no vigésimo segundo dia.

Lembro que quando pequeno eu era fascinado pelos caracóis, que podiam levar a própria casa para onde quer que fossem. Durante a expedição pela Antártida, meu fascínio pelos caracóis ficou ainda maior. Tudo que eu precisaria em termos de comida, equipamento e combustível ao longo de toda a viagem levei em um trenó, e em nenhum momento abri a boca para falar. Fiquei de boca fechada. Eu não tinha rádio nem internet e não vi nenhum ser vivo ao longo de cinquenta dias. Tudo que eu fazia era andar em linha reta em direção ao sul. Mesmo quando ficava irritado por causa de uma presilha que arrebatava, ou quando por pouco não caía em uma rachadura no glaciar, eu não praguejava. (Berrar um

palavrão põe você para baixo, faz um humor ruim ficar ainda pior. Por isso eu nunca praguejo durante as expedições.)

Em casa tem sempre um carro que passa, um telefone que toca, apita ou vibra, alguém que fala, sussurra ou grita. No fim, os barulhos são tantos que mal os escutamos. Lá foi completamente diferente. A natureza falou comigo ao se mostrar como silêncio. Quanto mais quieto eu ficava, mais eu escutava.

Toda vez que eu fazia uma parada e o vento não estava soprando, eu me via envolto por um silêncio ensurdecedor. Até a neve parecia estar em silêncio quando o vento parava de soprar. Passei a perceber cada vez mais o mundo do qual eu fazia parte. Não me senti abatido nem perturbado. Eu estava sozinho com as minhas ideias e os meus pensamentos. O futuro não tinha papel nenhum, o futuro não era motivo de preocupação: de repente eu simplesmente estava presente na minha própria vida. O mundo desaparece à medida que você entra nele, afirmou o filósofo Martin Heidegger. Foi exatamente o que aconteceu.

Eu me sentia como uma extensão daquele



ambiente. Como eu não tinha ninguém com quem falar, comecei um diálogo com a natureza. Meus pensamentos se espalharam ao longo das planícies e rumo às montanhas, despertando assim novas ideias.

No diário rumo ao sul eu escrevi que é fácil dar pouco valor a um continente que não podemos visitar, que não podemos ver e experimentar. Você precisa ir até lá, tirar fotografias e compartilhá-las para que a viagem faça sentido. “A Antártida permanece um lugar distante e desconhecido para a maioria das pessoas. Enquanto caminho, torço para que continue sendo assim. Não porque eu não gostaria que outros tivessem essa experiência, mas porque sinto que a Antártida tem uma missão como o continente desconhecido”, escrevi no vigésimo sétimo dia. Ainda penso que precisamos saber que existem regiões não exploradas e que não se tornaram públicas. Que existe um continente misterioso e praticamente intocado, “que possa ser uma circunstância na fantasia”. Um dos maiores valores da Antártida para a humanidade no futuro é justamente este.

O segredo para caminhar até o polo Sul é pôr um pé na frente do outro um número suficiente de vezes. Do ponto de vista técnico, parece simples. Um rato pode comer um elefante, desde que em bocados pequenos. O desafio está em querer. O maior desafio é levantar pela manhã, com uma temperatura de menos cinquenta graus Celsius. Hoje e também na época de Roald Amundsen e de Robert Scott. O segundo maior desafio? Ficar bem, estando apenas consigo mesmo.

Aos poucos o silêncio começou a me habitar. Sem nenhum contato com o mundo, isolado com meus pensamentos e minhas coisas, fui obrigado a pensar mais sobre os pensamentos que eu já tinha. E, o que foi ainda mais difícil, sobre meus sentimentos. A Antártida é o maior deserto na face da Terra, embora seja feito de água e tenha mais sol do que o sul da Califórnia. Não é um lugar propício aos que desejam se esconder. As pequenas mentiras e meias verdades que contamos na civilização parecem completamente desprovidas de sentido quando vistas de longe.

Pode parecer que percorri o caminho meditando – mas não foi nada disso. Houve momentos

em que o frio e o vento me dominavam como tenazes geladas. Eu chorava de tanto frio. O nariz e os dedos das mãos e dos pés aos poucos ficavam brancos, e então eu não os sentia mais. A dor surge quando as partes do corpo congelam, depois some. Volta por fim quando as partes do corpo descongelam. Toda a energia de que eu dispunha era empregada em me aquecer. Dói mais descongelar um corpo congelado do que deixá-lo congelar. Mais tarde no mesmo dia, quando o calor do corpo havia retornado, eu ainda tinha energia para sonhar acordado.

Os americanos construíram uma base no próprio polo Sul. Cientistas e equipes de manutenção moram ali por meses a fio, completamente isolados do mundo. Houve um ano em que noventa e nove pessoas comemoraram o Natal na base. Uma delas tinha levado noventa e nove pedras e as distribuiu como presentes de Natal, guardando uma para si. Ninguém via uma pedra havia meses. Alguns não as viam fazia mais de ano. Nada além de gelo, neve e objetos criados pelo homem. Todos

ficaram parados, sentindo a pedra entre os dedos.  
Segurando-a na mão, sentindo o peso, sem dizer  
nada.